

* 1 OUT 1989

Mercado aposta no choque após eleição

Ailton C. Freitas 08.06.89

Ademar Shiraishi

A idéia de novo choque econômico depois das eleições presidenciais ocupa espaço crescente no mercado financeiro, apesar dos rotineiros desmentidos oficiais. Economistas das diversas tendências não acreditam que, sozinho, o Banco Central consiga evitar a hiperinflação, com a prática de juros cada vez mais elevados no "overnight", e a incapacidade de rolar a dívida pública interna, tornando inevitável o novo choque.

Há muitos consensos na economia. A hiperinflação ocorre com a perda da confiança na moeda nacional, em consequência da corrida para os ativos reais, como ouro e dólar, ou para o consumo. Ninguém nega que esse processo já começou, a partir da certeza de que o aumento dos encargos financeiros do tesouro encurta o caminho para o calote da dívida interna, no máximo, em seis meses, quando assumirá o sucessor do presidente José Sarney.

No leilão semanal da última terça-feira para rolar NCz\$ 4 bilhões de Letras Financeiras do Tesouro (LFTs), o Banco Central precisou assumir compromisso de recompra em uma semana para que o mercado absorvesse os novos papéis. Sinal de que o temor de calote também ampliou para o curtíssimo prazo. A exemplo do que já fazem os bancos estrangeiros há muito tempo, os grandes bancos nacionais também deixaram de utilizar recursos próprios para a compra de títulos públicos e passaram a optar por ativos reais, inclusive participações societárias em empresas do setor produtivo.

Boatos

O Banco Central favoreceu a diversificação dos ativos dos bancos, ao promover, nas últimas semanas, vendas maciças de ouro para conter a cotação dólar no paralelo. Agira, diante dos limites estreitos do paralelo. Os próprios bancos têm interesse em fomentar boatos para, de um lado, obrigar o Banco Central a abrir as taxas do "overnight" e ganhar com as aplicações de terceiros e, de outro, ainda valorizar os seus ativos em ouro, com a alta do paralelo.

A alta contínua das taxas do "overnight" também contribui para a aceleração do processo inflacionário. A cotação do dólar no paralelo, os aumentos reais dos preços e tarifas — mesmo que ainda para recompor a defasagem acumulada no plano verão, a inflação futura, a taxa bruta do "overnight" e até a expectativa particular constituem indexadores para a elevação de preços do mercado.

Em meio a tantas incertezas, os boatos de novo choque antecipam a remarcação, em meio ao temor de que venha mesmo o congelamento ou o maior rigor no controle de preços. O medo de outro calote nas



Sarney pode ser levado a adotar um novo choque na economia

aplicações financeiras em geral ajuda a ampliar o consumo e acelerar as altas de preços, na espiral crescente de desorganização da economia.

Se for para conviver com os efeitos muito mais perniciosos dos boatos, melhor que saia mesmo o choque. A combinação até irracional de juros altos, desconfiança generalizada e aquecimento da atividade produtiva mostra que a economia brasileira tem muito espaço para surpresas e o Governo pode ter sucesso com o novo choque ou pelo menos controlar as incertezas.

Mesmo sem o pacto formal, para evitar o risco de inflação mensal inimaginável de mais de 200%, o Governo pode encontrar margem para uma trégua com empresários e trabalhadores, a exemplo do que se propõe a obter com os credores externos. Nesse raciocínio, ressurge a idéia do redutor de preços de paternidade do ex-ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen.

Desde que haja respaldo político, o Governo não encontraria resistência dos trabalhadores. O reajuste mensal dos salários vinculado à inflação tem atenuado as insatisfações da classe trabalhadora, mesmo com a corrosão inflacionária ao longo do mês e até o dia 10 do mês seguinte. Apesar dos eventuais interesses eleitorais, os trabalhadores rejeitam a deflagração de greves, no clima atual de quase pleno emprego.

Custos

Desde que haja ação coordenada de suas lideranças, os empresários podem absorver alguma espécie de redutor de preços, desde que tenham algum sinalizador de que o mesmo ocorrerá com os seus custos. A corrida desorganizada de remarcação, nos ditames da Lei de

Gerson, só produz a certeza do avanço em direção à hiperinflação, com a destruição de todos os ativos da economia, inclusive o patrimônio das empresas.

Com a contribuição dos agentes privados, o Governo ainda pode buscar fôlego-extra para cumprir a sua parte e evitar o descontrole total da economia, nestes longos seis meses de final de mandato do presidente José Sarney. Na semana passada, o Executivo divulgou mais um pacote fiscal para ampliar receitas do tesouro. Agora, precisa anunciar medidas incisivas para privatizar estatais, cortar despesas e reverter expectativas.

A aplicação do redutor daria folga nos encargos da dívida pública. Com a mudança psicológica do mercado, redutor razoável na correção monetária não traria ameaça de fuga de recursos do "overnight" para o consumo mais do que o real ou latente com o temor de calote interno, até porque o indexador negativo valeria para toda a economia. O dólar no paralelo poderia explodir. Mas os críticos da atual estratégia de não se fazer nada perguntam: E daí? No clima de arrumação global, o paralelo nada sinalizaria.

É claro que a nova mexida na economia não pode acontecer em meio à turbulência eleitoral. A trégua econômica só virá com a colaboração dos diversos agentes econômicos, o que não encontra clima propício dentro do tiroteio entre os diversos candidatos, representantes de classes e correntes políticas heterogêneas. Por isso, existe o consenso de que, por impulso ou por ato pensado, o presidente José Sarney só tomará decisões econômicas relevantes depois das eleições de novembro e/ou de dezembro.